

A CIDADE DE SUSPENSÃO



SAMUEL MEDINA

A Cidade Suspensa

Samuel Medina

Todos os Direitos Reservados.

Capa: Samuel Medina e Daniel Werneck.

É permitida toda a forma de reprodução sem fins lucrativos desta obra.

Medina, Samuel.

A Cidade Suspensa / Samuel Medina ; [publicação independente]. - Belo Horizonte: Publicação eletrônica, 2013. 92 p.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura fantástica. I. Título.

CDD: B869.3

Bibliotecário responsável:
Wander Ferreira CRB/6-2813

M488c

I

Era início de noite quando Kain chegou aos portões da Cidade. Na verdade, ainda estava claro o bastante para que ele pudesse distinguir os tons alaranjados dos raios de sol que abandonavam com rapidez o horizonte. Kain suspirou, enquanto batia as

mãos nos joelhos cansados, para afastar a poeira do caminho. Por duas semanas ele havia viajado, sem parar, e agora chegava àquela cidade de edifícios escuros e imponentes, silenciosa quando não se movia. Era bom ter chegado a tempo.

O viajante deu seus primeiros passos para abandonar a estrada empoeirada e atravessar os limiares da Cidade. Os portões enferrujados permaneciam fechados, mas ele sabia que aquilo era uma ilusão. O grande enigma que tomara grande parte de sua vida: como penetrar na Cidade Suspensa.

Estava bem assentada no chão, era verdade. Outro viajante menos experiente pensaria que se tratava de apenas mais um deplorável aglomerado de almas enclausuradas. Um impenetrável aglomerado para aqueles que não conhecessem seus segredos. Uma encruzilhada poeirenta, um crepúsculo e um peito vazio.

Essas eram as três condições para penetrar naquele lugar.

Sem hesitar, Kain dirigiu-se aos portões em passos firmes. Um segundo antes de penetrar na Cidade, os portões permaneciam em solene imobilidade. No segundo seguinte, como previra, o viajante os havia ultrapassado, parando apenas para observar as construções titânicas e opressivas que compunham os edifícios da Cidade. Kain suspirou, enquanto lembrava que tinha pouco tempo. Logo a Cidade se suspenderia e começaria mais uma jornada. Era necessário encontrar um lugar para ficar antes que ela fizesse um novo pouso.

Dentro do gigantesco complexo, Kain não sentia o vento. Era tudo parado e morto naquelas ruas que pareciam feitas de metal e fuligem. “Isso tudo parece enorme um labirinto de carvão”, pensou ele. A Cidade era um gigantesco emaranhado de avenidas e edifícios escuros, banhados por uma luz lúgubre. Suspirando,

procurou ao redor uma porta ou janela com luz acesa, algo que denunciasse vida. Não encontrou nada a não ser penumbra. Segundos depois, ouviu o agudo tilintar de guizos que se aproximavam pela avenida à direita.

II

O som dos guizos trouxe um homem de baixa estatura, vestido com uma bata oriental de cor indefinida, por causa da pouca iluminação. Ele vinha puxando uma pequena carroça abarrotada de bugigangas. Pelo visto, o homem era um mascate e carregava uma quantidade de

mercadorias maior do que a carroça poderia normalmente suportar. Tinha os olhos rasgados e seus cabelos estavam arranjados numa trança comprida e bem cuidada caindo pelas suas costas. Usava um chapéu justo, arredondado, que se encaixava muito bem em sua cabeça.

O Ambulante parou diante de Kain.

“Um viajante, um viajante”, repetiu, feliz, o homenzinho. “Bem-vindo freguês. Sua boa sorte esse encontro é, sim. O senhor pode comprar coisas boas, coisas muito boas aqui, né?”

“Não tenho interesse”, respondeu Kain, evasivo.
“Com licença.”

Mas o Ambulante não pareceu querer desistir do novo cliente, pois se desvencilhou da carroça e tentou barrar o caminho do viajante. Suspirando, Kain abriu e fechou os olhos lentamente, como se decidisse dar uma

chance ao mascate. Alegre, o Ambulante começou a retirar de sua carroça os mais variados objetos.

“Amuletos, tenho, sim; patuás, livros de feitiçaria, poções milagrosas, tenho tudo, freguês. Mas o melhor com certeza é uma alma forjada. Uma raridade, né? Tenho uma aqui na medida certa, né?”

Kain estava surpreso, mas não tinha dinheiro para comprar almas, mesmo falsas. Se não podia cobrir o preço nem mesmo da sua...

“Escuta, eu quero saber o que faço para poder ficar na Cidade.”

“Mas isso é informação, né?” respondeu o Ambulante. “Informação também tenho pra vender, né? Mas o freguês é novo, é amigo, vou dar de graça.”

Kain olhou-o, ainda surpreso. Ele parecia mesmo querer dar essa informação sem cobrar por ela. Não

existe nada de graça, pensou o viajante. Não conseguia adivinhar qual era o objetivo daquele vendedor em ser tão amigável. Kain suspeitava que talvez as forças que conspiravam contra o êxito de sua missão já estivessem em movimento.

III

“Pra ficar na Cidade, só tem três jeitos: Um emprego, um laço com um cidadão, uma moradia. Se conseguir qualquer um, você pode ficar.”

Essas palavras ecoaram na cabeça de Kain, que manteve seu silêncio enquanto fitava o Ambulante. Aquilo era mais que simples informação. E sem nenhum custo? Kain continuava a desconfiar do mascate, que exibia um riso estranho, quase com um ar de deboche.

“Sei o que deve pensar agora o freguês, né? Pensar deve que não sabe o que fazer... Que difícil é começar... Dessa avenida, do lado de onde eu tava vindo, tem uma taberna. Procura Scarlate a Cortesã. Ajudar o freguês ela pode, né?”

O Ambulante apontou para algum lugar ao longo da avenida imersa em sombras. Uma tímida luz parecia lutar contra a escuridão, como a fraca chama de uma vela. Com seu típico sorriso matreiro, ele voltou à frente da carroça e passou a puxá-la, numa corrida regular, no sentido contrário ao destino de Kain. Enquanto o mascate se afastava, o viajante resolveu que não custava nada seguir aquela dica.

A taberna estava envolta em uma luz parca e não havia música ambiente. Alguns clientes espalhavam-se pelas mesas malcuidadas, com umas poucas garotas a acompanhá-los. Todos se vestiam de forma quase miserável e conversavam aos sussurros. Kain procurou a moça referida pelo Ambulante. Um dos clientes apontou com a relutância de um ébrio para os fundos do estabelecimento.

Scarlate, a Cortesã, cuidava do balcão. Era de longe a moça mais bonita daquela taberna, com seus volumosos cabelos vermelhos e olhos verdes. E não seria mentira que ela tenha ficado impressionada quando Kain surgiu à porta do estabelecimento. A Cortesã viu um homem alto, vestido com um capote cinza e de cabelos compridos, grisalhos. Era bonito e tinha uns olhos assustadoramente negros. Kain aproximou-se de Scarlate e depositou duas moedas de cobre sobre o balcão.

“Uma bebida e uma noite com você.” disse o viajante, com um olhar apertado, perturbador.

Scarlate fez mofa, enquanto apanhava as duas moedas e segurava-as entre os dedos finos. Fitou o viajante com deboche.

“Você deve ter vindo de um lugar cheio de garotas bonitas e baratas, estrangeiro, mas aqui, isso só paga a cerveja.”

Enquanto segurava as moedas com a mão direita, Scarlate passou a esquerda por baixo do balcão, de onde tirou uma velha caneca de madeira, que foi depositada em frente ao viajante. Ainda com a mão esquerda, a Cortesã pegou na alça de um jarro, derramando seu conteúdo no interior da caneca, até enchê-la. Enquanto servia o cliente, a jovem começou a esfregar as duas moedas de cobre entre os dedos, fazendo com que a cor amarronzada comesse a desprestar-se como se fosse ferrugem. Ela agora tinha

duas moedas de prata nas mãos. Kain não parecia surpreso. Em muitos lugares em que estivera, cortesãs também eram feiticeiras.

“Bom, agora você tem o suficiente”, disse Scarlate. Ela havia gostado do visitante. “Mas só para um pequeno pedaço.”

A Cortesã então guardou as duas moedas no avental, enquanto Kain tomava uns bons goles do copo de cerveja. Scarlate sorriu enquanto observava o pomode-adão do viajante fazer movimentos vigorosos. A moça passou a língua pelos lábios, esboçando um sorriso malicioso e enigmático.

IV

Scarlate deixou o balcão sob os cuidados de outra garota e quase arrastou Kain para além de uma porta lateral, por um corredor que dava em quartos para uso particular. Segurava com firmeza a mão esquerda do estrangeiro. Entraram em um dos quartos, mobiliado

com uma cama rústica e uma mesa com um candeeiro onde uma vela ardia.

A Cortesã trancou a porta atrás dele, estendeu a mão para a vela e pronunciou uma palavra estranha que fez a pequena chama brilhar em tom vermelho vivo. Ela então cravou as unhas com força em seu próprio peito, enfiando os dedos até que a mão fosse também enterrada. Kain observava com um misto de curiosidade e nojo a complicada operação que ocorria.

Com um suspiro, Scarlate enfiou o resto da mão direita no tórax e puxou para fora seu coração, que pulsava irregular e estava coberto de marcas de mordidas, cicatrizes como as que cobrem os braços de um guerreiro já velho e cansado. Apesar de muito marcado, aquele coração batia com tal força que chegou a despertar certa melancolia em Kain, ao percebê-lo tão vivo e pulsante.

“O que é isto?!” perguntou Kain, tentando disfarçar seu olhar melancólico. “Esse coração tá uma droga. Não vou comer isso.”

Scarlate observou-o por alguns instantes. Novo suspiro.

“Não sei de onde vem, estrangeiro, mas não se rejeita um coração por aqui. Não seja rude diante de uma dama.”

Kain olhou resignado para Scarlate, a Cortesã, temendo que ela tivesse percebido sua fraqueza. Se quisesse ajuda, seria melhor não ofender aquela mulher. Dando de ombros, ele tomou o coração entre as mãos.

“Você só pode comer um décimo dele, nada mais,” advertiu-o a moça. “A chama da vela voltará ao normal, marcando o fim do contrato.”

Kain girou o coração em suas mãos, procurando uma área sem marcas. Mordeu um pedacinho e descobriu que o gosto era muito bom, melhor do que imaginava. Deitou-se na cama, e Scarlate acomodou-se ao seu lado. Kain fechou os olhos, enquanto dava pequenas mordidas, buscando aproveitar seu bocado, sorvendo calmamente a parte do coração de Scarlate que havia à disposição.

Quando a chama da vela voltou ao normal, Kain sentia um misto de vazio e satisfação. Levantou-se, para deixar o recinto, mas Scarlate segurou-o pelo braço. O coração ainda jazia do lado de fora, no colo da moça, sangrando das mordidas que Kain fizera. Sem perceber, o viajante havia consumido mais do que lhe era permitido, chegando a tirar um bom pedaço. A moça estendeu-lhe algo.

“Leve isto com você. Irá ajudá-lo a continuar na Cidade.”

Sem proferir palavra, Kain tomou o objeto das mãos de Scarlate e examinou-o brevemente. Parecia uma medalha antiga, com inscrições misteriosas, indecifráveis. Ainda em silêncio, o viajante deixou o recinto. A Cortesã, após alguns segundos de meditação, enfiou logo o coração no peito e correu a procurar papel e pena. Alguém importante precisava ser informado dos últimos acontecimentos.

V

Logo quando saiu da taberna, Kain avistou o Ambulante, que o aguardava. O mascate exibia um sorriso torto, que beirava o escárnio. O viajante percebeu que os raios do crepúsculo ainda coroavam os edifícios mais altos da Cidade. Inicialmente perplexo, pensou um

pouco e depois concluiu que o fluxo do tempo e sua percepção, na Cidade Suspensa, deveriam ser bem peculiares.

Kain aproximou-se do vendedor.

“Parece feliz, freguês.” disse o oriental “Moça bonita, a Scarlate, né? Parece dez anos mais jovem depois de estar com ela, né?”

Mas Kain não ligou muito para os comentários do outro. Estava se sentindo mais leve, pois sua jornada naquela cidade voadora parecia mais fácil do que havia calculado. Ao pensar na condição de vôo da Cidade, estranhou ainda estarem no chão. Perguntou ao Ambulante:

“Quando a Cidade irá decolar, afinal?”

“Ora, já decolou, freguês,” respondeu ainda sorridente, o vendedor. “Logo que você chegou, né?”

“Mas eu não sinto nada... Pra mim, ainda estamos no chão.”

“Todo mundo está no chão, freguês, todo mundo...” limitou-se a dizer o homem, antes de mudar de assunto. “Ficar na cidade, conseguiu?”

“Sim, já tenho um laço,” declarou satisfeito. “Devorei o coração de Scarlate.”

O Ambulante soltou uma sonora gargalhada. Kain observou-o, sereno, embora não apreciasse a reação do oriental.

“Corações de cortesãs não servem para laço, padrão. Precisa achar um coração sem marca de dentes. Por aqui difícil isso ser... Vender eu posso, não tem laço, é artificial, mas é mais gostoso que o de uma cortesã, né?”

Aquela resposta deixou Kain muito irritado com toda a situação. Sentiu-se enganado. Tudo bem que Scarlate valia mais do que duas moedas de cobre, mas o Ambulante deveria ter sido mais claro em sua informação. Pelo visto, o viajante só fora enviado para a taberna para cumprir outros propósitos. Quase foi dominado pela vontade de punir o.

“E o que eu faço?” perguntou Kain, sentindo o cansaço da viagem começar a cobrar seu preço sobre aquele corpo não tão jovem.

“Isso agora tem preço, né?” respondeu o Ambulante, acentuando a agudeza de seu sorriso. “É informação, agora tem um preço.”

VI

Praguejando, Kain vasculhou os bolsos, mas, antes que retirasse as moedas de cobre, o vendedor apontou para o sobretudo do viajante, mais precisamente para um dos botões. Kain lembrou-se então que as coisas que compõem as pessoas, naquela

cidade, valem muito. Sem vacilar, o viajante arrancou o botão e depositou-o na palma da mão do vendedor.

Sorrindo, o Ambulante fechou os olhos, enquanto esfregava o botão, logo caindo num curioso transe. Uma voz bem diferente começou a recomendar:

“Agora não adianta nada, mas alguma coisa tem que ser feita. O dia acabou e logo a parte mais escura da noite há de chegar. Até lá, debes buscar algum abrigo. A noite aqui é muito, muito fria e o escuro devora gente. Nenhuma porta ou janela oferece abrigo e Aqueles que Vagam ocupam as ruas desertas.”

O mascate calou-se e respirou fundo. O silêncio pairou entre o dois de uma forma quase premonitória. Kain sentia-se condenado. Vendeu uma parte de si mesmo só para ter a confirmação do que já sabia.

“Eu dou uma passagem de bonde para o freguês”, disse o Ambulante, retirando de um de seus

muitos bolsos um pedaço de papel grosso. “É um bonde noturno e a linha não para até que a noite acabe. Seguro lá vai ser bem!”

Kain pegou a passagem que o Ambulante lhe estendia. Desejava maiores explicações, mas então percebeu ao redor que a Cidade Suspensa estava bem mais escura que antes. Deu as costas ao vendedor sem agradecer e afastou-se.

Foi fácil para Kain encontrar o ponto de embarque do bonde, conforme havia indicado o Ambulante. Ficava em uma rua estreita, mais escura que as outras, com um abrigo para chuva.

“Como se nessa porcaria de cidade chovesse”, pensou o forasteiro, enquanto olhava ao redor. Tudo no mais completo silêncio, enquanto alguns postes, quase solitários, começavam a funcionar, despejando uma luz amarelada em trechos irregulares das avenidas, visíveis

ao longe. O ar era carregado, fedorento, como se fosse o interior de um porão.

O viajante abriu o pesado capote que o cobria e esfregou o pescoço. A imagem de Scarlate, a Cortesã, veio à sua mente. A lembrança da pele branca qual leite, contrastando com os cabelos vermelhos, lançou o forasteiro em um semidelírio.

Um movimento furtivo chamou a atenção de Kain. Havia mais alguém no abrigo. Reconstituindo-se, o viajante assumiu uma postura defensiva, examinando a silhueta de um provável companheiro. A penumbra que envolvia o ponto de embarque não permitia que ele identificasse aquela pessoa, tornando-a uma incógnita sem rosto, feita de sombra. Kain achou melhor manter distância.

Ficaram ambos em silêncio. O desconhecido era como um buraco escuro, a brecha para o vazio. No entanto, sua presença era mais palpável e urgente que o

abrigo, os postes, os edifícios. Kain sentiu os pelos de sua nuca eriçados.

O som perturbador do chiar de ferros em movimento feriu o silêncio e rompeu o impasse do momento. O bonde se aproximava.

Era um veículo de cor indefinida, por causa da escuridão, mas as luzes internas deixavam-no com a aparência de abóbora em noite de Halloween. Emitia sons estridentes de metais se arranhando, enquanto passeava por trilhos que Kain não conseguira perceber. Após instantes de observação mais atenta, percebeu que os trilhos na verdade surgiam do chão à medida que o bonde se locomovia, para depois desaparecerem quando o veículo passava.

Ao sinal do viajante, o bonde parou no ponto de embarque. Um agente de uniforme surrado e rosto macilento estendeu a mão, esperando o bilhete. Kain entregou o pedaço de papel e embarcou. Enquanto o

veículo se punha em movimento, o viajante percebeu de relance que o misterioso vulto ficara para trás, como se aguardasse locomoção mais apropriada.

Sentindo um estranhamento crescente, Kain dirigiu-se para o fundo do bonde, enquanto observava as pessoas maltrapilhas e assustadas que o fitavam com a acidez de quem quer desviar olhares curiosos. Um solavanco inesperado lançou Kain para o banco que escolhera e, enquanto se acomodava, o viajante passou a olhar pela janela. O vidro era manchado, como se alguém tivesse tentado lavá-lo e, em seguida, desistido. Olhando ao longo do corredor, dava para ver as costas do controlador do bonde, que usava o mesmo uniforme gasto que trajava o encarregado de receber as passagens.

A atenção de Kain foi totalmente desviada para o lado de fora. A noite foi tomada de sons de agudo sofrimento. O bonde foi cercado por uma força invisível,

um sentimento doloroso que fez os passageiros desavisados, como Kain, pensarem que o veículo seria esmagado como uma lata de alumínio. Lá fora, vultos de forma indefinida povoavam as ruas.

Naquele momento, Kain percebeu que aquela era a hora noturna da pior escuridão.

VII

O bonde sacudiu freneticamente enquanto alguns passageiros soltavam exclamações de sobressalto. Mesmo desconfiando da integridade do veículo, Kain mantinha sua costumeira serenidade. O barulho e as convulsões externas ao bonde tinham

amainado e a atenção do viajante voltou-se então para a paisagem bizarra que se constituía na Cidade Suspensa. Kain pôde perceber grandes edifícios com chaminés e formidáveis fornalhas. O fumo que as mesmas despejavam, invisível na escuridão, tornava-se distinto por segundos, quando era iluminado pelo calor do fogo das chaminés.

Eram quilômetros e mais quilômetros do que parecia ser um complexo industrial no coração da Cidade. Kain olhou para baixo e percebeu que alguns blocos dessa região não estavam ligados pela base. Dava para ver as nuvens passando por debaixo de uma espécie de fenda, que era mantida unida por uma grossa corrente de ferro. Olhando ao longe, podia-se observar que essa corrente se repetia por toda a extensão dessa fenda, mantendo a unidade daquela seção da Cidade.

“Impressionante, não?” comentou alguém ao lado de Kain. Desinteressado, ele virou-se e notou que

um rapaz negro, de olhos vivos e cabelo rastafári o olhava com um sorriso brincalhão. Diante da obstinada mudez de Kain, o rapaz continuou:

“São as fornalhas. Elas são tudo aqui na Cidade. Impulsionam as máquinas das fábricas, deixam as caldeiras aquecidas para os banhos dos turistas, mantêm toda a Cidade flutuando...”

“Banhos? Turistas?” perguntou Kain, saindo de sua taciturna mudez.

“Sim, banhos e turistas. Alguns deuses gostam muito de nossos hotéis e boates, repletos de saunas, massagens e banhos. Ninguém fala abertamente, mas eu já vi uns anjos também. Sempre chegam disfarçados. Sabe como é, não podem ficar com a imagem comprometida...”

O bonde continuava a se mover pelos trilhos, os quais faziam uma ponte para transpor a enorme fenda

que separava os blocos da cidade. O companheiro de Kain olhou para baixo, para o infinito de montanhas, vales e rios que passavam com rapidez sob a Cidade.

“Eu nunca me acostumo com isso”, comentou o jovem. “Tem uns outros lugares em situação bem pior. Só cabos de eletricidade, um punhado de gatos, prendendo quarteirões inteiros. Se cortarem um fio, já era.”

“Mas as pessoas não têm medo?” perguntou Kain.

“Medo? Pode ter medo quem não tem alma? Ou tem uma falsificada? Muitos vendem o próprio coração para ter uma alma artificial, feita aqui na Cidade. Com ela, não é preciso ter medo. Ou se tiver, ele será muito mais saboroso. A propósito, sou Salomão.”

“Kain.”

“Belo nome, meu caro”, riu Salomão. “Com certeza um nome ideal.”

Kain não entendeu o comentário do outro, nem sua entonação, mas permaneceu calado. Sentia-se estranhamente nervoso. Tinha a sensação de que era procurado, e que seu caçador já deveria estar nas imediações da Cidade. Para disfarçar o nervosismo, Kain pegou a medalha que ele tinha guardado no bolso direito do sobretudo e começou a girá-la entre os dedos. Salomão olhou com interesse aquele pedaço de metal.

“A insígnia da Biblioteca!” comentou o rapaz, admirado. “O senhor é representante do Bibliotecário?”

“O quê?” Kain ficou bastante confuso com a pergunta. Salomão, pelo contrário, mudou sua expressão, como se tivesse acabado de entender.

“Sim, sim, quer dizer que você é um emissário, então. Tem passe livre para a Biblioteca. Pode me dizer o que vai buscar lá?”

Kain entrou em alerta. A cada momento naquela cidade Kain testemunhava estranhas personagens interessadas em sua missão. Esse inusitado interesse despertava a desconfiança do viajante. “A cada encontro que temos com alguém, realizamos um nó na linha de nossas vidas”, lembrou-se. Temia ficar enlaçado. Talvez a misteriosa sombra que havia ficado para trás, no ponto, seria apenas mais um dos perigosos nós que Kain deveria enfrentar.

VIII

O viajante virou-se para Salomão, a fim de dar qualquer resposta, tentar inventar alguma coisa e desviar a atenção de seu companheiro, mas viu que o rapaz dormia, recostado ao vidro sujo. Fazendo um muxoxo, Kain cruzou os braços e relaxou os ombros, enquanto

fechava os olhos, buscando o auxílio do sono. O bonde de repente rangeu de forma assustadora e deu um solavanco, quase lançando Kain de seu assento.

Os primeiros raios de sol venceram as silhuetas dos prédios e atravessaram o vidro fosco das janelas do bonde. A Cidade Suspensa destacou-se, ainda mais escura ante os raios dourados e o céu azul. O solavanco violento parou e Kain constatou que estava tudo bem, seu aparente cochilo se arrastara pelas horas da noite. Salomão, seu companheiro de viagem, continuava adormecido.

O bonde fez sua primeira parada e Kain desembarcou. Enquanto o viajante observava a fachada de pedra do prédio à sua frente, o bonde retomara o movimento, em seu tortuoso caminho por trilhos que surgiam e desapareciam logo em seguida.

O prédio era gigantesco, destacando-se das demais construções. Era uma estrutura cilíndrica que

subia vertiginosamente, dando a impressão de uma altura infindável. Acima do portão, como se dominasse toda a fachada, Kain reconheceu a insígnia que estava gravada na medalha que recebera de Scarlate. Então aquele rapaz, Salomão, falava com razão. Aquele símbolo representava a Biblioteca.

Ao aproximar-se do portão, Kain avistou um homem muito alto, vestido com um uniforme cinzento e carregando um bastão. Era o porteiro, que estendeu a mão em sinal proibitivo para o viajante. Kain estacou e retirou a medalha do bolso do capote. O homem, sem dizer uma palavra, olhou com interesse para Kain. Em seguida, tocou com seu bastão onde as duas folhas do enorme portão se encontravam. Com um rangido, a entrada abriu-se para Kain, que distinguiu apenas um caminho reto a perder de vista.

Sem vacilar, o viajante penetrou na Biblioteca. O portão se fechou logo às suas costas. Candeias

iluminavam o caminho de forma parca. Kain continuou a seguir em linha reta por algum tempo, até que chegou a uma outra porta, bem menor e feita de madeira. Um velho vestido de uma longa túnica e com a cabeça coberta por um capuz cumprimentou-o com uma reverência, para em seguida empurrar a porta de madeira, abrindo o par da direita. Kain seguiu aquele que, ao que parecia, seria seu guia na visita à Biblioteca.

Além da porta de madeira, o ambiente era outro. Estantes dispunham-se de forma aleatória, todas abarrotadas de livros de todos os tipos e datas. Sujeitos vestidos de longas túnicas passeavam silenciosamente entre as estantes, lendo e meditando nos livros que carregavam. Alguns deles murmuravam entre si as impressões de suas leituras.

O guia de Kain levou-o entre as estantes e os murmuradores até uma outra porta, que dava em um segundo corredor em linha reta. No fim do corredor, mais

uma sala, com estantes e murmuradores. O viajante percebeu que em cada sala a disposição aleatória dos móveis sugeria a complexidade de um labirinto.

Kain e seu guia seguiram por mais diversas salas e corredores, de modo que o viajante já não sabia se orientar naquele ambiente. Chegaram por fim a um outro portão, guardado por outro guia. Acima, havia uma plaqueta de madeira onde estava escrito “Bibliotecário” logo abaixo da insígnia da Biblioteca. Kain em segundos estaria diante do homem que dominava toda aquela estrutura. Sua jornada se aproximava de um momento crucial.

IX

Kain penetrou naquele salão. Não havia janelas, apenas estreitas aberturas bem próximas ao teto, que estava a uns vinte metros de distância do chão. Após perder alguns segundos contemplando o teto distante, o viajante voltou sua atenção ao aposento, que

era de fato grandioso, porém de uma frieza quase sepulcral. A lareira à direita nem parecia cumprir sua função de dar calor ao ambiente.

Próxima à lareira, uma jovem de tez pálida, olhos cinzentos e cabelos loiros permanecia sentada em uma poltrona. Ela fez menção de levantar-se, mas o guia de Kain adiantou-se, erguendo as mãos em um gesto conciliador.

“Não precisa se levantar, senhora. Este forasteiro apenas está aqui para uma entrevista com teu pai.”

A moça voltou a acomodar-se na poltrona e virou o rosto para a lareira, ficando a observar o fogo. Logo além, à esquerda de onde estava a jovem, havia uma pequena porta do que parecia o gabinete privado do Bibliotecário. O guia de Kain pediu para que ele aguardasse e atravessou o salão, sumindo além daquela porta.

O viajante olhou interessado para a jovem. Como que percebendo o olhar, a garota tirou os olhos do fogo e fitou Kain com aquelas duas esferas cinzentas. Era uma bela moça. Tinha uma beleza diferente da que Scarlate ostentava. A cortesã era selvagem, enquanto essa jovem tinha uma aparência domesticada.

“Sou Kain, sou novo na cidade” começou a dizer, para quebrar o silêncio. A moça suspirou e respondeu:

“Marília. Filha do Bibliotecário.”

O interesse de Kain aumentou. Lembrou-se de uma das condições de ficar na cidade: devorar o coração de alguma moça, mas somente se o coração nunca tivesse sido mordido. A filha de um distinto senhor, administrador de uma instituição daquele porte, seria a presa ideal. Marília olhava Kain como se já conhecesse as intenções dele.

“Não vai adiantar, forasteiro”, disse a moça, “você não é o primeiro que me olha desse jeito.”

Kain quase engasgou com a própria saliva. Desconcertado, ele pôs a mexer nos botões do sobretudo. Marília então tirou os olhos dele e voltou a contemplar o fogo. Parecia que a jovem havia por fim perdido o momentâneo e superficial interesse no visitante.

Mas Kain habilmente preparava um feitiço. Se não fosse por bem, aquela garota iria ser dele por outros meios. Era temerário, de fato, usar magia no gabinete do Bibliotecário, mas Kain estava realmente desesperado para conseguir estadia fixa na Cidade.

“Se parar imediatamente o que está fazendo”, advertiu Marília, sem virar o rosto para Kain, “vou desconsiderar essa afronta. Mas se insistir, terei de comunicar meu pai e os favores que você poderia conseguir se tornarão definitivamente impossíveis.”

O viajante largou os botões e murmurou um pedido de desculpas, enquanto dispersava o feitiço. Marília, porém, não parecia brava ou contrariada, apenas cansada demais para se enraivecer.

“É sempre a mesma coisa, sempre os mesmos indivíduos buscando um caminho mais rápido para ter a Biblioteca. Isso me dá nojo.”

“Mas meu objetivo não é a Biblioteca...” retrucou Kain. “Quero apenas um jeito de ficar aqui na Cidade.”

A moça voltou o rosto para ele, cética. Kain então ponderou sobre a importância daquela instituição, a Biblioteca. Muitos já deveriam ter tentado enfeitiçar o coração da moça para herdarem o controle daquele complexo e de todo o conhecimento nele guardado. O viajante percebeu o erro que cometera. Curvou-se sobre o joelho direito.

“Fui precipitado e inconsequente. Peço perdão, senhora.”

“Você não deve se ajoelhar diante de mim”, disse Marília, com um muxoxo. “Faça isso diante do meu pai. Ele já vem aí.”

Nesse momento, a porta do gabinete privado abriu-se e o guia saiu, acompanhado do Bibliotecário. Kain levantou-se de supetão. Sentia-se despreparado, mas suspirou fundo. Lamentou-se do erro cometido minutos atrás. Para conseguir algo daquele lugar, precisava do maior número possível de aliados.

X

O Bibliotecário causou forte impressão logo que Kain o viu. Era um homem alto e magro, de nariz adunco e o cabelo cinzento que denunciava o loiro dos anos verdes. Para o homem mais poderoso do lugar, tinha um olhar bem franco, quase bondoso. Mas o que

surpreendia Kain era o ar de familiaridade que aquele senhor lhe lançava. O Bibliotecário assentiu levemente e saudou o viajante.

“Bem-vindo, senhor forasteiro. Ainda que ignore, alguns dos Príncipes desta Cidade estão devidamente informados de sua chegada. Está de posse da insígnia?”

Apesar de Kain ter ficado levemente surpreso, aquilo era de se esperar dos chamados “grandes” da Cidade. Lembrando-se da recomendação de Marília, o viajante logo pôs-se de joelhos.

“Distinto senhor,” começou a dizer, enquanto estendia a medalha, “apresento-me em busca de um trabalho. Não desejo me vangloriar, mas disponho de talentos que seriam no mínimo interessantes ao senhor e à Biblioteca.”

Em sua pose distinta, porém simpática, o Bibliotecário caminhou pausadamente até tocar a

medalha. O objeto começou a brilhar, como se aquecido e, num instante, desfez-se em fagulhas luminosas. O austero senhor fez um muxoxo e soltou um discreto murmúrio de satisfação.

“Creio que no caminho até este recinto o senhor tenha visto o número de trabalhadores à minha disposição. Não preciso contratar outro, por mais talentoso que seja.”

Era curioso, mas Kain já imaginava resposta como aquela. Fez menção de ficar de pé, mas o Bibliotecário tocou seu ombro, indicando que o viajante deveria continuar naquela posição incômoda. Pelo visto, o líder da Biblioteca ainda não havia acabado.

“No entanto, o cargo de intendente está vago e não acredito que um daqueles idiotas lá de baixo estejam aptos a assumi-lo. A insígnia que o senhor viajante trouxe revela uma procedência de qualidade incontestável. Acredito, portanto, ser interessante

recebê-lo como aprendiz, até que seu prazo na Cidade acabe. Se eu aprovar o trabalho, o cargo será seu.”

Não deixava de ser uma surpresa, mas Kain se manteve impassível. O Bibliotecário deu rápidas instruções para que o guia levasse o viajante para os aposentos que ele ocuparia temporariamente. O grave funcionário da Biblioteca foi silenciosamente seguido até uma pequena saída de serviço, escondida em uma extremidade do recinto, onde se via a entrada para uma escada em espiral. Kain ainda olhou para trás uma vez, para observar o ar melancólico da filha do Bibliotecário. Marília era como um dos títulos guardados naquele edifício. Um daqueles tomos com capa bordada e repleto de iluminuras. Inalcançável. Balançando a cabeça para afastar esses pensamentos, Kain tratou de seguir seu guia até o recinto a ele destinado.

Era uma cela minúscula, contendo uma cama rústica com o colchão e cobertor grosseiros, uma

pequena mesa de canto e um castiçal para uma só vela. Não havia janelas. Era tudo bem simples, mas bastava para Kain. O viajante foi deixado sozinho após um grave cumprimento do guia. Sobre a pequena mesa, havia uma tigela de caldo, um copo de leite e pão fresco. Era estranho, parecia que ele já era aguardado.

Sempre desconfiado, chegou a ponderar se haveria veneno nos alimentos. Testou-os com magia e não encontrou alteração. Deu de ombros. Afinal das contas, havia dois dias que não tinha uma refeição de verdade e desde a sua chegada à Cidade Suspensa não comera nada. Seu corpo doía pela noite maldormida, cochilando sentado no bonde noturno. Cansado demais para desconfianças adicionais, Kain comeu com voracidade para, em seguida, desabar na cama e entregar-se a um sono sem sonhos.

XI

O tempo era confuso na Cidade Suspensa, mas pelas observações de Kain, fazia dois ou três dias desde que ele fora abrigado na Biblioteca. Apesar disso, sua situação ainda era incerta. A admissão como intendente não era formal, de modo que logo que a

Cidade Suspensa pousasse novamente, ele seria expulso da cidade. Bem, talvez expulso não fosse a palavra mais adequada e sim expelido. O viajante procurava não pensar nisso, lançando-se com afinco ao novo trabalho, procurando aplicar os conhecimentos que já possuía e aprender sobre tudo o que não dominava.

A Biblioteca era fascinante. Uma torre cilíndrica, gigantesca, onde cada andar era incrivelmente extenso. As escadas que levavam aos andares superiores eram retas e não acompanhavam o formato circular do edifício. Cada andar era composto de um salão de livros, uma sala de leitura e dormitórios, que poderiam ser coletivos ou individuais, como o de Kain.

Os volumes eram ainda mais fascinantes que o prédio. Um visitante inadvertido, ao abrir um livro, não encontraria palavra que fizesse sentido. Logo no primeiro dia, o Bibliotecário havia explicado que o acervo era protegido com uma magia poderosa. O conhecimento neles encerrado era destinado aos iniciados.

O salão de livros era composto por estantes de madeira escura, baús e prateleiras, onde as escrituras eram armazenadas. Os iniciados que residiam na Biblioteca, aprendizes do Bibliotecário, vagavam entre as estantes, buscando os escritos que mais lhes interessavam, para poderem desfrutá-los na sala de leitura. Alguns não aguentavam a ansiedade e já se entregavam ao vício da leitura logo que punham as mãos no livro. Por vezes, estudiosos se esbarravam por não olharem o caminho à frente.

Quando um estudioso procurava um livro e não sabia como encontrá-lo, a solução sempre estava no

grande catálogo em posse do intendente. Kain era consultado o tempo todo. Havia muito trabalho a fazer. Auxiliar o Bibliotecário a catalogar os livros novos, conferir cada códex, cuidar para que os pergaminhos não fossem arruinados pelo clima. Quase não havia tempo para bisbilhotar o que estava escrito em cada livro que eles manuseavam.

Kain também raramente encontrava Marília. A jovem permanecia quase o tempo todo no alto da torre, no andar privado do Bibliotecário. Muitas histórias rondavam a figura da moça. Diziam que ela e o pai viveram nos campos, criando gado, quando ela era uma adolescente. Naquela época, o Bibliotecário havia decidido aposentar-se para cuidar melhor da filha. O ambiente era repleto de campos verdejantes e ar puro, bem diferente dos sufocantes edifícios da Cidade Suspensa, cobertos de fuligem. Mas não era somente o ambiente campestre que fazia a garota feliz. Naqueles dias, Marília tinha um amor.

Era um jovem pastor que compartilhava os mesmos sonhos e aspirações que a garota. Viviam pelos campos, juntos, como irmãos. Diziam que ele era excelente músico e encantava a garota com suas melodias. Mas um dia, quando Marília estava em casa e seu amado pastoreando nos campos, um trágico acontecimento fez com que o rapaz fosse perdido para sempre. Desse desastre, Marília nunca se recuperou. Buscando afastar sua filha das lembranças amargas, o Bibliotecário revogou a aposentadoria e retomou imediatamente o trabalho na Biblioteca. Marília nunca se recuperou do choque.

Kain pensava no trágico destino da moça, enquanto dirigia-se para seu quarto. Estava muito cansado, e a história de Marília não saía de sua cabeça. Mas o que viajante queria mesmo era uma boa soneca. Ainda estava pelo meio da tarde, mas ele e o Bibliotecário haviam passado a noite e a manhã trabalhando em indexar novos itens para o acervo. Os

ombros de Kain doíam e seus olhos estavam pesados. Ele teria desabado na cama se não tivesse percebido um pequeno e estranho pedaço de papel depositado sobre o colchão.

Sem demora, Kain pegou o papel e desdobrou-o, lendo com avidez o conteúdo. O viajante oscilou à beira da cama. Seus sentimentos se misturaram, revolvendo seu peito. Depois de tudo, aquele era o momento. Deveria partir sem demora.

XII

Kain movia-se silenciosamente por um beco escuro, já bem longe da Biblioteca. Pôs a mão direita sobre o peito, lembrando-se da súbita sensação que teve ao ler aquele estranho pedaço de papel. Que sensação fora aquela? Palpitação? Coração agitado? O viajante

deu um sorriso de deboche, meio que escarnecendo de si mesmo. “Como se alguém na minha situação tivesse coração”, murmurou. As letras do bilhete marcavam como fogo sua memória, pregando peças em sua mente ao provocar aquela desagradável sensação.

A verdade era que Kain estava encurralado. No bilhete dizia que o Bibliotecário estava sendo pressionado a rejeitar o trabalho do viajante e que a Cidade pousaria ao raiar da manhã. Kain não tinha muito tempo a perder. O autor do bilhete afirmava conhecer um atalho para o Palácio Real, para dentro da própria câmara do Rei da Cidade. Era a única chance de Kain para conseguir o que procurava.

O viajante seguiu pela estreita viela, perdido em seus pensamentos e desconfianças. E se fosse uma armadilha? E se aqueles que o queriam impedir estivessem prontos para pegá-lo? De qualquer maneira, Kain deveria arriscar e ele sabia que, desde o momento

em que pusera os pés na Cidade, sua vida passara a não valer absolutamente nada. Ele pusera tudo em jogo a partir daquele momento.

A atenção de Kain foi atraída para uma figura que estava alguns passos à frente, próxima à saída do beco. Parecia ser aquele mesmo desconhecido que estivera no ponto de embarque do bonde. A excelente memória de Kain nunca esquecia um fato, por mais corriqueiro.

O viajante diminuiu o passo, cauteloso. Era uma coincidência grande demais ter aquela mesma silhueta naquele lugar, aguardando. Kain estava bem próximo à saída do beco e ao seu destino, onde era esperado pelo autor do bilhete.

O desconhecido então gemeu. O som penetrou Kain como uma lança de gelo. Parecia o suspiro resignado de alguém que nunca conhecera paz ou alegria. Mas o viajante entendeu imediatamente que

aquilo era um feitiço. Erguendo suas defesas, Kain resistiu ao melancólico e doloroso ataque da criatura que o havia emboscado. Era difícil, pois seu inimigo parecia ser conhecedor de profundas maldições, usando-as de maneiras que ele nunca imaginara. Suas mentes não se chocaram em nenhum momento, mas Kain sentia-se dilacerado pelos gemidos do outro.

A batalha pode ter durado segundos ou séculos, ninguém irá saber, a não ser aqueles dois, que descobriram conhecer muito mais um do outro. O agressor era um Vazio, alguém que fazia o mesmo serviço que Kain fizera durante longos anos. Aquele, porém, era tão ou mais experiente que o viajante, que enfrentava dificuldades em manter o equilíbrio da luta. Lentamente, suas forças eram drenadas, as maldições iam penetrando pouco a pouco suas defesas, petrificando suas juntas, apertando sua garganta, como algo invisível que quisesse sufocá-lo.

Com resignação, Kain deixou o seu sobretudo cair ao chão. Seu corpo então mudou rapidamente de forma, assumindo a estranha consistência de piche, como um ser pseudópode. O oponente fez o mesmo e, por segundos, duas massas disformes lutaram entre si, medindo forças em movimentos espalhafatosos, um tentando esmagar o outro.

Enquanto isso, Kain tomava distância, ofegante. Esperava que seu caçador ficasse distraído com aquela ilusão por tempo suficiente para o viajante escapar. Não podia perder tempo enfrentando Vazios. Tinha que chegar ao Palácio Real o mais rápido possível.

Enfraquecido pela última batalha, Kain cambaleou até o local onde o autor da carta aguardava, escondido nas sombras de um muro, com o rosto coberto por uma capa. Kain apoiou-se no mesmo muro e olhou, inquiridor, para aquela pessoa, sem reconhecê-la. O desconhecido então lentamente retirou o capuz que

Ele cobria a cabeça, revelando sua identidade. O viajante deixou escapar apenas uma palavra:

“Você!...”

XIII

Kain se esgueirou por um bom tempo pelas ruelas escuras da Cidade Suspensa. Não sabia se havia alcançado sucesso em despistar seu perseguidor, mas nem ao menos queria olhar para trás e conferir. Seu tempo era curto e ele procurava aproveitá-lo da melhor forma possível.

Logo ele alcançou o local de encontro. Um vulto o aguardava, mas não era o mesmo sinistro inimigo. A silhueta delicada revelava um corpo de mulher. Ao perceber a chegada do viajante, o vulto saiu das sombras, revelando sua identidade. Scarlate, a Cortesã, trazia uma capa escura por sobre os ombros, escondendo o corpete fino. Kain fitou-a com seus olhos frios.

Scarlate ensaiou alguns passos indecisos na direção do forasteiro, que se mantinha impassível. Ainda vacilante, a Cortesã começou a falar:

“Antes, não tinha certeza que você era meu Kim, mas agora não me restam dúvidas. No começo, não te reconheci, seu rosto não é mais o mesmo. Só que alguma coisa me dizia que eu já te conhecia e essa certeza foi crescendo e hoje é absoluta. Mesmo que não se lembre, você é o meu Kim.”

“Moça, você está me confundindo com outro alguém”, disse Kain, com frieza. “Nossos nomes podem ser até parecidos, mas eu garanto que não sou quem você procura.”

Scarlate abaixou a cabeça por um momento, para esconder os olhos tristes. Logo em seguida, porém, ela ergueu-os, desafiadores.

“O que você veio fazer aqui, então? Não foi pra resgatar seu coração que você veio à Cidade Suspensa? Para reaver o coração que você vendeu para o Demônio de Gelo? E eu sei que você viria. Esperei todos esses séculos, aluguei tantas vezes meu coração... Não, nunca

o vendi. Resgatei-o várias vezes, tantas quantas foi preciso, só pra ter o momento de te encontrar.”

Confuso, Kain pôs as mãos sobre o rosto. Como aquela mulher sabia tanto sobre ele? Mas alguns dados não batiam. Ele vendera seu coração para um demônio, era verdade, mas um demônio de gelo? Estava lembrado de ter negociado com um demônio de fogo. Era certo que parte da sua alma, ou toda ela, era artificial. Ele era igual ao seu perseguidor, um Vazio, um agente a serviço daqueles que comandavam planos superiores e inferiores. Mas então um nome que antes parecia desconhecido brotou de seus lábios:

“Sofia!?”

A cortesã esboçou um sorriso triste diante do perplexo viajante.

“Há muito tempo eu não uso esse nome, mas não nos resta luxo para nostalgias. Temos que chegar

ao Rei antes que este pesadelo em forma de cidade te expulse daqui.”

XIV

Kain e sua inusitada companheira caminharam apressadamente por caminhos cada vez mais escuros e úmidos. Segundo Scarlate, o aqueduto levava diretamente a um torreão e este para uma escada secreta que dava diretamente na câmara do Rei da

Cidade Suspensa. Não havia garantias de que a entrada não estaria vigiada, mas a Cortesã contava com o fato de que quase ninguém conhecia essa passagem.

“Ao que parece”, comentou a jovem, “nem o Rei sabe que essa passagem existe.”

“Isso é bom demais para ser verdade, Sofia”, ofegou Kain. “Ainda me pergunto se isso tudo não é uma armadilha.”

“Você me ofende com essas palavras, Kim. Mas me ofende mais ainda ao me chamar assim. Eu deixei de ser Sofia há muito tempo. Só voltarei a atender por esse nome quando você tiver de volta seu coração.”

Kain fez um muxoxo, enquanto acompanhava Scarlate, que havia transformado o passo rápido em ligeira corrida. Não confiava na Cortesã, nem em seu agente, o Ambulante. Ao que parecia, o oriental havia ajudado a moça por todo o tempo que ela passara lá,

inclusive garantindo seu ofício na taberna. Com as décadas se tornando séculos, a antiga dona do lugar cedeu o direito de propriedade à cortesã mais bela e talentosa, a moça cujo nome antes fora Sofia e que agora se chamava Scarlate.

Toda essa história fora contada às pressas para o viajante, que não conseguia abrir mão de sua desconfiança. Era fato de que nomes e rostos misteriosamente surgiam como se fossem familiares. Havia alguém, uma imagem no passado que insistia em pregar peças na mente do viajante, mas ele tentava resistir. Precisava concentrar-se, cumprir sua ambição, para depois partir para sempre daquele lugar. Sem ter seu coração de volta, seria sempre um Vazio, uma sombra, um escravo sem identidade, fugindo de senhores poderosos, que brincavam com a vida de homens e outras criaturas.

No fim do aqueduto, Scarlate levou Kain por uma porta oculta na escuridão. A porta era de fato imperceptível, seu contorno só se tornou visível quando a Cortesã tocou algumas pedras na sequência do que parecia ser uma senha. Logo que a passagem se abriu, os dois entraram com rapidez, chegando a uma escadaria íngreme e perigosa, que subia pela parede externa ao Torreão Real.

Os dois subiram em silêncio. Nada se ouvia, a não ser o som de suas respirações ofegantes. Scarlate era a que mais ofegava, segurando a saia para não tropeçar em sua barra. Kain olhava por sobre os ombros da Cortesã e lembrava do coração marcado de mordidas. Era delicioso e ao mesmo tempo completamente asqueroso.

Algo então chamou sua atenção. Já estavam a uma altura considerável. O Torreão Real parecia ser mais alto até mesmo que a Biblioteca. Assim, o viajante

pôde ter uma visão panorâmica da Cidade, de seus titânicos edifícios e formidáveis fornalhas. Era imensa, vasta, como um Mal impossível de se extinguir. A visão foi tão perturbadora que Kain estacou entre os degraus, sentindo vertigem. Só não caiu porque foi agarrado por Scarlate.

“É incrível, não é mesmo?” comentou a cortesã, em um tom de malicioso desinteresse. “Essa é a Cidade. A Cidade dos Sonhos que todos almejam alcançar. Dizem que todos aqueles que acabam nos abismos mais profundos almejam um dia morar aqui. Neste lugar, uma pessoa pode negociar sua alma pelo mundo inteiro ou o mundo inteiro por uma alma nova.

Kain permaneceu calado. De qualquer forma, tudo o levava a crer que sua existência estava intimamente ligada àquela Cidade. Talvez ele fosse um completo faz de conta. Talvez apenas reminiscências do corpo desse “Kim” fizessem parte do viajante e que a

busca de um coração fosse algo completamente impossível e sem sentido. Uma alma artificial. Era bem provável que ele fosse apenas isso, um retalho de almas alheias. Mas Scarlate dizia algo importante e Kain resolveu prestar atenção.

“Está vendo aquelas enormes fornalhas? Já devem ter falado para você que elas movimentam a Cidade e aquecem as caldeiras. Sabe o que mantém aquele fogo vivo? A magia dos corações negociados nesta cidade. Os corações vendidos por aqueles que querem trocar de alma e não têm posses para tanto. Esses corações são penhorados e, em seguida, transportados ao Banco, que os resgata. Em seguida, o Banco os vende ao Senhor das Fornalhas, que os usa para nunca deixar o fogo morrer. Por isso, acho que é quase impossível resgatar seu coração sem luta. O Rei da Cidade será nosso inimigo.”

“Não importa” respondeu Kain, com secura. “Não cheguei tão longe para desistir. Se precisar medir forças com o Rei, que assim seja.”

Com um sorriso enigmático, Scarlate agarrou a mão esquerda de Kain e puxou-o escadaria acima. Em um segundo, o viajante olhou para baixo e viu que seus pés estavam suspensos e os degraus pairavam alguns metros abaixo. Aterrado, ele viu que Scarlate tinha agora um par de asas de um vermelho intenso. Instantes depois eles já estavam no alto do Torreão. Scarlate pousou graciosamente em uma sacada, enquanto sorria. Estavam diante de um enorme portão que dava para o gabinete particular real.

“Esta é tua última batalha, meu querido”, disse ela, com um sorriso doce. “Não se esqueça, alcance seu objetivo e volte para mim.”

Dizendo isso, a Cortesã beijou suavemente os lábios do viajante e, antes que o viajante se desse conta,

ela já havia alçado voo, tomando distância entre as nuvens de fuligem que saíam das chaminés.

Kain respirou fundo. Tudo aquilo poderia ser um embuste, mas não havia mais tempo para outras medidas. A noite findava. Lá embaixo, em algum lugar, o Vazio o aguardava. Se havia alguma chance de reaver seu coração, havia chegado a hora. Sem hesitar, Kain marchou corajosamente rumo ao portão e o abriu. Sua jornada havia chegado ao fim.

XV

Com um estrondo, os portões do Gabinete Real foram escancarados. Kain parou por alguns instantes, procurando examinar o interior do recinto. Parecia a entrada de uma tumba há muito fechada. Tudo cheirava a podridão sepulcral. Kain entendeu que era um feitiço.

Mas seria uma armadilha ou um procedimento padrão de segurança? Não importava. Deveria apressar-se. O viajante penetrou na escuridão do gabinete com passos firmes, porém cautelosos. Um rugido súbito pôs Kain em prontidão, mas não o suficiente para evitar que vários tentáculos o agarrassem firmemente.

“Então o insolente irmão por fim retorna...”, bradou alguém na escuridão. “Não ponderei que seria tão atrevido e temerário. No entanto, apreciei imensamente quando soube da sua jornada em busca do seu coração.”

Kain nada respondeu. Erguia barreiras contra os ataques do inimigo, ao mesmo tempo que preparava feitiços de reação. Mas sabia que sua derrota era praticamente certa. De fato, o Rei da Cidade Suspensa era o monstro que ele imaginava. Da escuridão, surgiu o corpo que sustentava os tentáculos. Era um homem enorme, talvez tivesse uns três metros de altura, e

trajava um casaco comprido, de onde saíam os asquerosos tentáculos que prendiam o viajante. A coroa era enorme e bizarra, como os galhos de uma árvore seca, além de também ser uma máscara que ocultava o rosto do monarca.

“O ciclo está agora completo. Graças a ti, tornei-me rei deste lugar. Graças a mim, foste privado de teu coração. Percebo em teu rosto confusão; pelo visto, és muito menos de que já foste milênios atrás.”

“Quem... é você... afinal?” perguntou Kain, cada vez mais fraco por causa da força que os tentáculos faziam ao segurá-lo.

“Eu? Sou o Exemplo, o Ideal. Sou a quimera que todos perseguem e almejam alcançar, a Perfeição. Sou o Humanismo perdido pela própria humanidade. Eu, caro irmão, sou Abel.”

Nesse momento, um turbilhão de dolorosas imagens atravessou a mente de Kain, imagens de culpa e confusão. Viu as lembranças do Rei da Cidade, um jovem pastor de ovelhas, vítima do assassinato motivado pela inveja. O assassino, sangue do próprio sangue, condenado a viver sem identidade e sem sentimentos, sendo obrigado a trabalhar como um Vazio, tendo seu corpo preenchido por memórias alheias e o rosto desfigurado. Enquanto as lembranças de Kain e Abel se misturavam, o viajante viu pelas memórias do Rei que o Vazio enviado para caçar Kain já havia sido informado e aproximava-se do Torreão Real.

Subitamente, a torrente de pensamentos que invadia a mente de Kain cessou, enquanto a força dos tentáculos ia lentamente diminuindo. Kain recobrou o controle de seu corpo e viu nisso a oportunidade para um contra-ataque. Ergueu chamas ao seu redor, para lançá-las contra seu inimigo, mas parou por alguns instantes. O Rei parecia temeroso por causa de alguém que acabava de entrar no recinto.

“Você...” murmurou Abel. “Por que está aqui?”

Kain, já livre dos tentáculos, virou-se e viu uma jovem pálida, de cabelos loiros e olhos azuis e tristonhos. O viajante não pôde conter sua surpresa ao ver Marília surgir vacilante do mesmo portão que Kain surgira. Aquela era a chance, talvez a única, para um contra-ataque, mas Marília adiantou-se, ficando entre o Rei e o viajante. Se atacasse agora, Kain com certeza atingiria também a filha do Bibliotecário.

“Marília”, sussurrou o Rei, “como alcançou este lugar?”

“Recebi a ajuda da Aurora e suas asas avermelhadas”, respondeu Marília, de forma a deixar claro a Kain que a jovem fora ajudada por Scarlate. “E estou aqui para acabar com este infame teatro.”

“Insolente!” rugiu Abel, ameaçador. Buscava recobrar sua fala pomposa. “Não admito tal comportamento em minha presença. Se não deixares este recinto agora, sentirás a minha ira!”

Mas Marília não pareceu se importar. Sorriu e, nesse momento, murmurou:

“Então invoquemos todos os personagens desta peça. Agora.”

Subitamente, as paredes se alongaram e em cada canto do recinto surgiram o Ambulante, Salomão, o

Bibliotecário, a Cortesã e o Vazio. Todos estavam lá e, ao mesmo tempo não estavam. Eram miragens e não eram.

Da porta surgiu Scarlate, com suas asas vermelhas ainda à mostra. Sua miragem permanecia em um canto, pois neste ato final ela era algo além da Cortesã.

Kain sentiu o terror encher seu peito, ao ver que a peça iria por fim terminar e ele veria seu desfecho sem ao menos recuperar seu coração. Mas Marília aproximou-se e, ainda sorrindo, tocou o rosto do viajante.

“Ainda há um pedaço do seu coração aqui dentro. Um pedacinho que o Demônio do Gelo e do Fogo não conseguiu arrancar. Esse pedaço vai te ajudar a encontrar o caminho de casa.”

Marília então virou-se para o Rei e bradou:

“O que sustenta esta cidade também é sua maior fraqueza. Ela sempre precisou de Vazios e Exemplos. Você, meu querido, meu jovem pastor, foi apenas mais um escolhido para ocupar o papel de Rei, assim como Kim foi tornado em Vazio. Você crê, meu querido, que sempre haverá um Rei na Cidade Suspensa e este sempre nascerá pelas mãos sanguinárias de um Vazio. Mas eu digo basta!”

Nesse momento, a filha do Bibliotecário enterrou a mão no peito e arrancou do mesmo o próprio coração. Parecia uma brasa azulada, que brilhava com intensidade. Marília estendeu a mão e andou com passos firmes em direção ao Rei.

Não há magia mais poderosa que um coração puro entregue em benefício de outra pessoa. Ainda que Abel tentasse repelir a moça com seus tentáculos, os mesmos eram destruídos logo que se aproximavam. O coração brilhante de Marília tocou o indefeso monarca

que explodiu em luz, junto com a jovem. O Torreão Real começou a balançar, instável. Kain apenas observava, surpreso e confuso. Tudo brilhava e, em meio à luz, Kain identificou as silhuetas de Marília e de um jovem e belo rapaz se abraçando como se há muito tempo não se vissem. O casal desapareceu em uma luminosa explosão.

A escuridão subitamente envolveu o recinto. Kain sentiu mais uma presença naquela sala, além de Scarlate. As sombras que antes tomavam forma dos outros personagens se dissiparam, ficando apenas o Ambulante, que se tornava cada vez mais nítido. Seu olhar cada vez mais feroz.

Em segundos, as roupagens antes simples do oriental se tornaram vestes pomposas. Seu cabelo estava arranjado em um coque elaborado sobre sua cabeça, onde uma singela coroa dourada se sustinha. Sua face assumiu um ar arrogante.

“Agora este é meu momento”, bradou ele.
“Ajoelhem-se perante seu Imperador.”

Scarlate ergueu suas asas de forma protetora, mas antes de qualquer iniciativa, ela foi lançada contra a parede, que engoliu metade do seu corpo. A moça estava presa.

“Quieta, rameira”, rosnou o Imperador. “Uma Nova Ordem nasceu. Graças a vocês dois, casalzinho patético. Obrigado.”

A risada do Imperador feriu o peito vazio de Kain, que até o momento estava paralisado de terror. O Imperador ergueu a palma da mão direita e exibiu uma chama lúgubre e avermelhada, que bruxuleava.

“Reconhece este coração?” perguntou. “É aquele mesmo que você vendeu. Assim é você. Uma chama moribunda. Alguém que negocia qualquer coisa. Você é tão inútil quanto a rameira. É um vaso quebrado.”

Num grito de ódio, Kain reuniu todo o seu poder. As furiosas chamas, antes destinadas a Abel, foram lançadas contra o Imperador, que apenas ergueu a palma da mão esquerda. Nela estava o botão que o viajante negociara. Esse mesmo botão, ao ser atingido pelas chamas, fez com que Kain fosse envolto pelo seu próprio feitiço. O que antes era ódio se tornou dor, pura e simplesmente.

O Imperador, ainda resmungando sobre Kain ser um vaso quebrado, fez um gesto cabalístico. A alma artificial do viajante foi arrancada, enquanto o que restava de seu corpo era consumido pelas suas próprias chamas.

Num último resquício de consciência, Kain constatou que sempre desconfiara. Aquele que antes havia sido o Ambulante tivera tempo para fazer seus contatos, encerrar seus negócios. Bastou que o poder na Cidade Suspensa fosse desestabilizado para que o

antigo mascate acionasse suas engrenagens, cobrasse seus favores por meio de feitiços e assumisse o posto máximo. Kain fora apenas a última peça naquele mecanismo, usado para depois ser jogado fora. Mesmo assim, tinha certeza, faria tudo de novo.

O sol se ergueu sobre o horizonte, iluminando a Cidade Suspensa, eterna e sólida sobre as nuvens.

Agradecimentos

Muitos foram os percursos até este ponto. Kain, o viajante, é também expressão de meu próprio desejo de encontrar sentido aos meus anseios. E muitos acompanharam essa trajetória. Não podeira deixar de mencioná-los aqui, em meus agradecimentos.

Em primeiro lugar, a Ana Luiza de Freitas Rezende, por todo o apoio e carinho. Agradeço a Rosa Maria, Kelly Cristine Barbosa, a José Wilson Barbosa Sales, a Fernanda Reis, Fernanda Rodrigues, Vivian Mattos, Luci Fersan, Wander Ferreira e tantas outras pessoas que apoiaram este projeto.

Muito obrigado ao Tênisson Filho pelo *feedback*.

Agradeço especialmente aos meus companheiros de matilha, membros do Coletivo Filhote de Lobo, Rodrigo Teixeira e Simone Teodoro.

O apoio de todos vocês foi muito importante para que eu pudesse chegar a esse ponto. Nos vemos em outras jornadas.

Kain, um misterioso viajante, chega à Cidade Suspensa com um objetivo secreto.

Conseguirá ele vencer as forças que atuam na Cidade Suspensa e alcançar o que almeja?

Acompanhe a enigmática viagem deste solitário estrangeiro.